



SAUSP.DOC

JANEIRO/FEVEREIRO DE 2019.



Foto - Crânio de dinossauro fossilizado no Museu de Geociências do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IGc – USP)

Museu e Arquivo: aliados na escrita da História

Você certamente já experimentou aquele ímpeto de limpar a casa e a vida, desfazendo-se de fotos antigas de pessoas que nunca mais viu, documentos que não servirão mais, ou manuais que você nunca vai ler. Um alívio se livrar de tanta tralha. Até que um dia... você se depara com um velho amigo de infância que não imaginava reencontrar. A operadora de cartão de crédito resolve cobrar uma fatura paga. E, ainda por cima, o eletrodoméstico que você mais usa quebrou, e você nem sabe se é possível o conserto.

É então que bate aquele arrependimento... "Se não tivesse jogado fora a foto, poderia relembrar grandes momentos com meu amigo de infância...", ou "como provar que a conta já foi paga se me desfiz do comprovante de pagamento?", e ainda "se tivesse guardado o manual do equipamento, saberia o que fazer para consertá-lo!".

Bem-vindo ao mundo dos arquivos!

Documentos de arquivos são gerados todos os dias, em todas as atividades, sejam pessoais, corporativas, institucionais ou acadêmicas. Mas não nos damos conta de que o tempo passa e, em breve, por muitos motivos, talvez não estejamos mais desempenhando a atividade que hoje realizamos. E as pessoas que nos substituem, em circunstâncias diversas, necessitam consultar documentos de arquivos. Os mesmos documentos que, um dia, foram meros papéis do dia a dia e aos quais não demos a importância devida.

Desde 1997 a Universidade de São Paulo instituiu sua Tabela de Temporalidade de Documentos. Trata-se de documento de referência elaborado por arquivistas e autoridades competentes de cada área, e que estabelece critérios para solucionar a questão de quais documentos devem ser armazenados e por quanto tempo, determinando inclusive quais documentos

devem ser arquivados permanentemente, e quais podem ser eliminados, evitando escolhas subjetivas inerentes ao comportamento humano. Mas nem sempre foi assim.

A história a seguir mostra dois lados dessa questão: as consequências adversas da ausência de preservação de documentação institucional e o resultado positivo de uma preservação correta e responsável.

O Museu de Geociências do Instituto de Geociências (IGc) da USP atualmente ocupa um espaço expositivo de 450 m2, no segundo andar do Instituto, e recebe cerca de 18 mil visitantes por ano. Seu acervo de minerais, rochas, fósseis, espeleotemas, gemas e meteoritos é resultado das atividades docentes e discentes desde o início do ensino da Geologia na USP.

Em 2015, durante a elaboração do Plano Museológico do Museu de Geociências, foi realizado um diagnóstico institucional, no qual foi indicado o acervo como um ponto forte da instituição.

Com o fim de proceder às decisões estabelecidas no Plano Museológico - que previam especialmente uma melhor utilização do acervo -, realizou-se um levantamento sobre o histórico do Museu. A surpresa foi a constatação da ausência de documentação institucional que possibilitasse o rastreamento da entrada de coleções na instituição! Não havia quaisquer documentos em posse do Museu que remetessem à sua origem e à aquisição de suas principais coleções. De acordo com o relato de um funcionário, "nos anos 1990, uma secretária realizou uma limpeza no arquivo 'morto' e jogou tudo fora".

Diante da situação, a Chefe Técnica do Museu transformou essas necessidades em uma pesquisa de Mestrado do Programa de Mestrado Interunidades em Museologia da USP (PPGMus). O trabalho, intitulado "Acervos que escrevem a história: a trajetória do Museu de Geociências contada por suas coleções", reconstruiu a história do Museu por meio de intensa pesquisa sobre as origens das coleções do Museu.

O trabalho partiu de informações contidas em material de divulgação institucional (textos de mala direta, folders antigos e atuais), que constituíram "pistas" na busca incessante de organização da documentação.

Sabe-se que o atual Museu se originou do antigo Museu de Mineralogia do Departamento de Mineralogia e Petrografia da extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP. A bibliografia existente sobre a FFCL é sempre de cunho comemorativo, com aspectos memorialistas, o que prejudica a busca por fatos precisos dado o caráter subjetivo da memória. O primeiro passo, então, foi a consulta aos anuários da FFCL, que trouxeram poucas informações ao que já se sabia sobre o Museu.

O segundo passo foi a procura por informações em processos institucionais no próprio IGc, pesquisa que também se mostrou infrutífera. Assim entrou em cena o Arquivo Geral da USP.

A procura por processos antigos realizou-se a partir de palavras-chave, como os nomes de coleções do Museu, nomes de docentes doadores, nomes antigos do próprio Museu, disciplinas associadas e assuntos correlatos. E dessa forma foi se alterando o caminho da pesquisa.

Foram encontrados processos administrativos completos, relativos à aquisição de grandes coleções do Museu, cujos históricos eram desconhecidos ou vagamente relatados. Ano de doação, número de amostras doadas, relação completa dos itens, nome completo do doador, valor monetário do conjunto são algumas das informações de grande relevância que os processos reunidos pelo Arquivo Geral trouxeram à luz.

Mas a descoberta maior concentrou-se no próprio procedimento arquivístico: não saber onde as informações estavam armazenadas criava a falsa ideia de que elas não existiam. O funcionamento atual do Museu, seus procedimentos burocráticos e atividades diárias seguem uma dinâmica bastante diversa daquela adotada nos anos iniciais da FFCL.

Uma grande preocupação da pesquisadora era a delimitação de uma data de fundação para o Museu de Geociências, o que não pôde ser encontrado na documentação. No entanto, um ganho maior do que a precisão de uma data foi a constatação, por meio dos processos consultados, de que a formação das coleções do Museu de Geociências e seus processos constitutivos representam um espelho das atividades acadêmicas e, como tal, foram paulatinas. A instituição Museu e sua identidade atual não surgiram a partir de um ato

de fundação, mas foram construídos durante décadas, desde o primeiro curso de Ciências Naturais (1935), passando para História Natural (1941), transformando-se em Geologia (1957), tornando-se independente da FFCL com a criação do Instituto de Geociências e Astronomia (IGA) (1969), até chegar ao Instituto de Geociências (IG, em 1972).

Assim, concluiu-se que o Museu de Geociências é resultado de um fazer museológico que se desenvolveu por décadas, em um processo natural de maturidade acadêmica que levou gerações para acontecer, com contribuições de pesquisadores, docentes, funcionários e alunos.

Os documentos de arquivo utilizados nessa pesquisa esclareceram informações sobre a entrada das coleções no Museu: coleções importantes como a Coleção Luiz Paixão, Coleção de Gemas e Coleção Schnyder, cujos registros de entrada no Museu eram até então, desconhecidos, puderam ser localizados. Acreditava-se que esses registros estivessem perdidos, e especialmente por isso, são

emblemáticos: demonstram primeiramente a importância do Museu na dinâmica universitária, uma vez que os processos burocráticos que envolviam a entrada de acervo na Faculdade englobavam várias instâncias, como comissões departamentais, interdepartamentais, diretores de unidades de ensino, vários setores da Reitoria, até chegar ao Reitor, que dava a palavra final à incorporação ou não de certa coleção, ainda que não houvesse qualquer ônus à Universidade. Além disso, esses documentos evidenciam historicamente a evolução dos processos de incorporação de acervo ao patrimônio da Universidade.

As figuras de 1 a 4 remetem ao processo número 55.1.14113.1.1 da FFCL que "Solicita a incorporação patrimonial de uma coleção de pedras lapidadas". Percebem-se as várias etapas do processo de incorporação da coleção, bem como os vários agentes envolvidos: reitor, diretor de unidade de ensino, setor de contabilidade e patrimônio.



Figura 1 - Capa do processo nº 55.1.14113.1.1, de outubro de 1955, que solicita a incorporação da primeira coleção de gemas que o Museu recebeu.

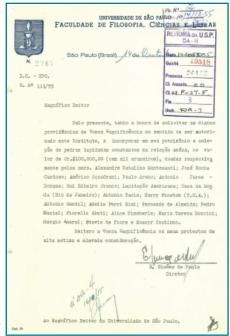


Figura 2 - Primeira folha do processo mostrado na figura 1, na qual o Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Eurípedes Simões de Paula, solicita autorização do Magnífico Reitor para incorporação do material gemológico doado à Faculdade.

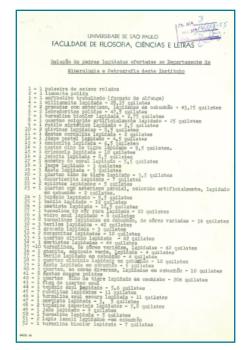


Figura 3 - Relação da entrada de cada item da coleção de gemas.

A precisão do trabalho da equipe do Arquivo Geral revelou processos que ajudaram a desvendar a antiga lógica da entrada das coleções do Museu, bem diferente da atual: por se tratar de um acervo de unidade de ensino (FFCL), as coleções que implicassem grandes somas de valores para sua aquisição, ou demandassem muito espaço de armazenamento ou ainda, necessitassem de pessoal para trabalhar em sua incorporação, deveriam ser submetidas à análise e aval de instâncias superiores aos docentes interessados, com envolvimento da Reitoria e, às vezes, até do Governo do Estado.



Figura 4 - Papeleta contábil para incorporação da coleção de gemas pelo Departamento de Mineralogia e Petrografia.

As Figuras 5 a 8 referem-se ao processo número 50.1.9646.1.0, de 1950. É importante notar o tempo necessário para o desenrolar dos trâmites dessa aquisição: cinco anos se passaram desde a indicação pela Assembleia Legislativa do Estado, passando pela autorização de crédito especial para a USP, até a conclusão da incorporação da coleção ao patrimônio da FFCL, em 1954.



Figura 5 - Indicação nº 145 da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo sobre sugestão de aquisição da Coleção Paixão pelo Governo do Estado de São Paulo.



Figura 6 - Parecer dos catedráticos da FFCL, Rui Ribeiro Franco e Viktor Leinz, sobre a aquisição da Coleção Paixão.



Figura 7 - Parecer favorável da Comissão de Orçamento e Patrimônio sobre a aquisição da Coleção Paixão, enviado ao Gabinete do Governador em 1954.



Figura 8 - Comunicado sobre a autorização, por parte do Governo do Estado, para a aquisição da Coleção Paixão.

Esse trabalho pretende auxiliar outros museus de unidades de ensino a recuperarem suas trajetórias dentro de uma lógica diferente da atual, na qual as chefias e direções de unidades e institutos possuem autonomia para decisões de aceite ou recusa de doações de acervos.

Há aqui dois exemplos de atitudes frente a documentos de arquivo: uma negativa, de descarte aleatório, e outra positiva, de respeito à Tabela de Temporalidade de Documentos e à guarda responsável. O Arquivo Geral da USP tem acesso a muitos tesouros a serem descobertos, e seus processos ainda podem preencher muitas páginas em branco da história institucional da Universidade de São Paulo.

Créditos:

Texto: Miriam Della Posta Azevedo, Chefe Técnica do Museu de Geociências - IGc/USP

Foto: Marcos Santos / USP Imagens Diagramação: Bruno L. Teodoro

Figuras: Miriam Della Posta Azevedo

Informe de eliminação e recolhimento de documentos

A Lista de Eliminação de Documentos 03/2018 da FFLCH foi publicada no D.O.E de 12 de janeiro de 2019. Foram eliminados 4,49 metros lineares de documentos.

As Listas de Eliminação de Documentos 1/2019 e 02/2019 do MP foram publicadas no D.O.E de 16 de fevereiro de 2019. Foram eliminados 12,71 metros lineares de documentos.

A Lista de Eliminação de Documentos 01/2019 da RUSP/CODAGE/DA/DAM/DAMA foi publicada no D.O.E de 26 de fevereiro de 2019. Foram eliminados 3,10 metros lineares de documentos.

A Lista de Eliminação de Documentos 08/2019 do IFSC foi publicada no D.O.E de 26 de fevereiro de 2019. Foram eliminados 2 metros lineares de documentos.

No total foram eliminados 22,3 metros lineares de documentos em janeiro e fevereiro de 2019.